

Entre a praça, o casario e a baía: camadas de construções e sentidos

Entre la plaza, las casas y la bahía: capas de edificios y significados

Susana Nunes Taule Pinol¹
Elizabete de Castro Mendonça²

DOI 10.26512/museologia.v13i26.52722

Resumo

O Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de São Francisco do Sul, no litoral norte de Santa Catarina, Brasil, atendeu a base empírica no desenvolvimento deste estudo que converge os aportes teóricos de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri na compreensão do museu como espaço de diálogo; de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, voltando, especialmente aos conceitos de enunciado concreto, bem como a abordagem de biografia cultural das coisas de Igor Kopytoff. Este artigo traz resultados parciais de um estudo descritivo qualitativo pautado em coleta de dados em documentos, observações e entrevistas. Como propósito busca encontrar nas enunciações voltadas ao casario edificado na praça os enlaces da vida social das edificações e seu entorno. Os resultados indicam conexões centrais, periféricas e fundamentais, porém sequer cogitadas.

Palavras-chave

patrimônio cultural; museologia; dialogismo bakhtiniano.

Introdução

São Francisco do Sul foi uma cidade comercial extremamente importante. Após a construção e abertura da Estrada D. Francisca, em 1858, principal via de escoamento de madeira e de erva mate do norte catarinense e do sul do Paraná, e em 1905, com o início da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, com o ramal São Francisco do Sul – Porto União, a vida do município foi deslocada para a Baía Babitonga.

Resumen

El Conjunto Arquitectónico y Paisajístico de São Francisco do Sul, en la costa norte de Santa Catarina, Brasil, sirvió de base empírica en el desarrollo de este estudio, en el que convergen los aportes teóricos de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri en la comprensión del museo como un espacio de diálogo; de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, volviendo, especialmente, a los conceptos de enunciación concreta, así como al enfoque de Igor Kopytoff sobre la biografía cultural de las cosas. Este artículo presenta resultados parciales de un estudio descriptivo cualitativo basado en la recolección de datos a partir de documentos, observaciones y entrevistas. El propósito es encontrar en los discursos centrados en las viviendas construidas en la plaza los vínculos entre la vida social de los edificios y su entorno. Los resultados indican conexiones centrales, periféricas y fundamentales, aunque ni siquiera consideradas.

Palabras clave

patrimonio cultural; museología; dialogismo bajtiniano.

¹ Servidora efetiva do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC Campus Joinville - susana.pinol@ifsc.edu.br Doutora em Museologia e Patrimônio - UNIRIO/MAST; Doutora em Tecnologia e Sociedade - UTFPR; Mestre em Administração - UFSC e Bacharel em Administração - UFRGS

² Graduada em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestra em Economia da Cultural e Gestão Cultural pela Universidad de Valladolid. Mestra e Doutora em Artes Visuais. Atualmente é Professora Associada IV, com dedicação exclusiva, do Departamento de Estudos e Processos Museológicos (DEPM/UNIRIO) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS/UNIRIO-MAST).

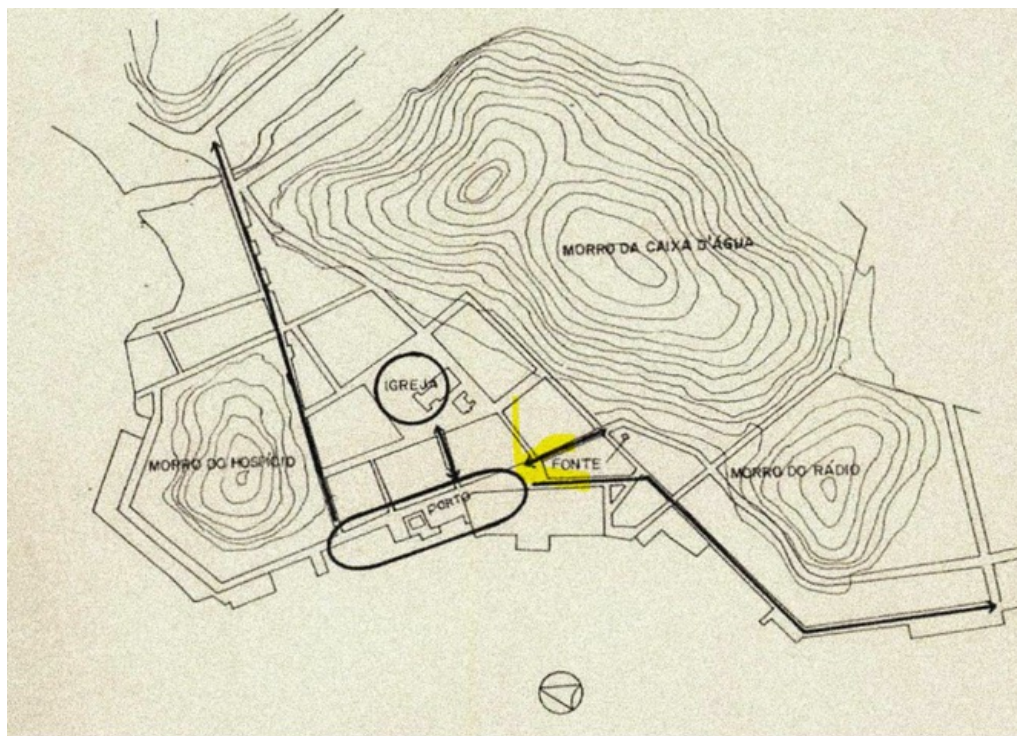
Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

Com a construção da linha férrea, iniciada em 1905, [...], começou a revelar-se um novo tipo de prosperidade local, bem diferente daquele que lhe dera outrora o trabalho agrícola, pois que a vida econômica do município se deslocou, das terras férteis, mas abandonadas, para a vasta e profunda baía de Babitonga, até então bem pouco aproveitada. [...] Desabitados do trabalho da lavoura, exercido quase inteiramente pelo elemento escravo, os descendentes dos antigos proprietários de terras, senhores de escravos, entraram em decadência e, minados por várias endemias que se manifestaram na zona rural, [...], sem forças nem iniciativas para os extenuantes [...], começaram a aplicar-se aos serviços ferroviários e do porto, que se tornava cada vez mais movimentado, e que no menos lhes garantia, mais facilmente e com relativa segurança, a subsistência. Hoje a importância econômica do município repousa no movimento comercial do porto, onde encontram trabalho milhares de homens, na sua maior parte chefes de famílias, que aqui vivem e prosperam, alargando cada vez mais o âmbito da cidade, com a constante construção de casas pelos arredores (Tiago, 1941, p. 22-23).

Nessas circunstâncias o Centro Histórico foi edificado. No primeiro traçado urbano de São Francisco do Sul (Figura 1), a partir das relações espaciais com a orla de uso portuário, percebe-se os primeiros contornos de uma praça. Segundo constata Ambus (2019, p. 60), a rua litorânea e o acesso à fonte d'água contribuíram para o fortalecimento deste traçado.

De uso quase que exclusivo para escoamento da produção monocultora da retaguarda rural e auxílio aos navegadores [...] e manutenção dos navios cargueiros, a orla de São Francisco do Sul tornou-se um espaço de instalações portuárias. A baía Babitonga, de grande profundidade e águas calmas, exercia, junto à área de praia, a centralidade aglutinadora das práticas rotineiras desempenhadas no terreno. [...] Este traçado percorria o perímetro da orla marítima da baía Babitonga entre o Morro do Hospício e o Morro da Caixa D'água, consolidando o principal eixo urbanizador da malha colonial. (Ambus, 2019, p. 60)

Figura 1- Contornos da futura praça nos primeiros traçados urbanísticos



Fonte: IPHAN (1987, p. 32), adaptado pela pesquisadora

O formato triangular também pode ser percebido na obra de Lilico instalada no Museu Histórico Municipal Prefeito José Schmidt, já na obra de B. Ferrari, de 1911, é possível observar a conexão da praça com a praia e a movimentação de embarcações na Baía Babitonga. Os trechos das entrevistas feitas com frequentadores, moradores e ex-moradores desta localidade são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 - Trechos de entrevistas sobre a Praça da Bandeira

Perfil do entrevistado	Trechos
Ex-morador do Centro Histórico	Ali era a Rua da Praia: “[...] os trapiches, Lloyd, Santista, Hoepcke... toda a atividade portuária era aqui no Centro Histórico”. Grandes navios ancoravam bem ali. E muitas crianças e adolescentes aproveitavam os trapiches para se banhar em vez de se deslocar para outras praias, para a ocasião, bem distantes em função dos meios de transportes disponíveis.
Morador e comerciante do Centro Histórico	Eu me lembro perfeitamente. Aqui morava praticamente nossa família toda. Essa casa aqui da frente era da minha prima [...]; na penúltima casa dessa rua morava minha tia [...]. Passando duas casas, [...] são primos-irmãos de meu pai, [...]; passando mais três [...], era loja do meu padrinho e da mulher dele [...]. Então ficava muito aqui. [...] Se hoje São Chico é pequena, imagina a 40 anos atrás! [...] Basicamente era o centro e um pouquinho em volta. E a nossa família era toda grudadinha aqui, dos que moravam em São Chico, não tinha um dos nossos morando mais afastado deste miolinho aqui. Tem uns que foram morar fora, como meus tios, alguns já foram na década de 60 ou 70 para Curitiba. Mas a maioria que ficou aqui morava nesse pedacinho [...]. Então o que eu lembro bem é da família reunida na praça. Eu lembro de fechar a loja e meu pai e meus tios iam para a praça conversar, ficavam ali sentados. Naquele tempo a televisão era extremamente precária, e não preciso te dizer (risos) que não tinha mais nada. A não ser o rádio que também era extremamente precário.
Ex-morador do Centro Histórico	Quando eu me entendi por gente, a praça já existia [...], mas não tenho lembrança de quando a figueira foi plantada [...]. Eu nasci na General Osório [...], inclusive ela era chamada de rua da criança, nós éramos de 18 a 20 crianças, tudo naquela rua bem pequena. Então a praça tem um grande significado para a gente porque era a praça onde nós brincávamos [...]. Naquela época não tinha o que fazer, não tinha televisão, não tinha nada; então ia para a praça, a praça era o refúgio da criança.
Ex-morador do Centro Histórico	Era um local de passeio, o povo vinha passear no final de tarde. Os sócios do Cruzeiro colocavam as cadeiras [...], sentavam na frente do Cruzeiro para ver o povo passar (em frente a praça) passeava ali, faziam o chamado <i>footing</i> . [...] Ficavam andando para lá e para cá, para lá e para cá, para lá e pra cá... Aí quando surgiu o cinema aqui em cima, mudou para a rua de cima. Ali sempre foi ponto de táxi, sempre foi ponto da conversa, era ponto de táxi, era roda da fofoca, os comerciantes se reuniam ali para conversar, bate papo no final da tarde... Sábado, Domingo à tarde [...] ali era um ponto de encontro do povo que vinha para bailes, para Festa do Cruzeiro, enfim sempre foi uma praça ativa, nunca foi uma praça morta [...]. Por que ali?! Porque o forte da cidade era ali. O comércio forte era tudo ali, no centro.
Ex-morador do Centro Histórico	[...] 1950 o que eu me lembro que tinha muito ali eram os comícios, embaixo ali onde tem o táxi. Ali tinham muitos comícios! Então a gente gostava de ir quando era criança, até mesmo porque cidade pequena não tinha muita coisa para ir. Eu adorava quando era criança, ficava ali embaixo da árvore na época do Getúlio [...].
Moradora do Centro Histórico	[...] Eu estou aqui numa posição privilegiada [...]. Eu estou de frente para a praça, então tudo que acontece, eu vejo tudo! Não precisa nem descer para ver... Eu vejo os carnavais... Eu vejo até a Festilha! Porque as barracas ficam até aqui na frente. Eu vejo movimento de gente que vai... que vem... E quando é Sete de Setembro... [...] O desfile sempre foi aqui na Babitonga... ((rua)) Então eu estou num lugar estrategicamente privilegiado, de frente para a rua Babitonga, não estou de frente para o mar, mas estou de frente para a rua... Quase pertinho do mar, dou um passo e estou no mar.
Profissional com escritório no Centro Histórico	A Praça da Bandeira tem uns marcos importantes ao redor [...]. Já era um ponto de encontro desde os primórdios do Centro Histórico [...] Muito próximo à Praça da Bandeira tem os casarões de algumas famílias importantes também [...]. A maioria das casas que hoje tem dois pavimentos não tinham dois pavimentos. Isso lá na década de 20/30 elas eram casas térreas, a maioria delas.

Fonte: Dados da pesquisa

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

Muito da vida social ocorria na praça: o encontro de famílias, o serviço de chofer, o *footing*, as comunicações informais... Ali era o ponto do 'esquentar' para os bailes, os desfiles de carnaval, os eventos comemorativos... Ali as coisas se complicavam e se resolviam. Compreender este fluxo envolvendo as pessoas que moravam, comercializavam e frequentavam o casario e as características da Baía Babitonga, bem como, sua movimentação portuária é compreender a constituição da própria praça.

De um modo geral, os períodos de estagnação e de alterações nas edificações esteve atrelado às condições econômicas do município. Ao analisar trechos de publicações de cidadãos de São Francisco do Sul e de Joinville em jornais antigos do acervo do Arquivo Municipal de Joinville, percebe-se disputas e expectativas em relação ao futuro, competição entre municípios e o impacto da infraestrutura que se fortalecia nas construções e reformas do casario.

O editorial do jornal *Commercio de Joinville* em 1905, com informações de São Francisco do Sul, trouxe apontamentos tanto referentes à estagnação como à expectativa de retomada do progresso econômico do município pautada na concretização da ferrovia, bem como seus efeitos na valorização dos terrenos e na "reanimação" das edificações.

Uma serie de circunstancias, fortuitas algumas naturaes outras, vieram anno a anno, paralyzando sua prosperidade, desvalorizando-lhe as terras, diminuindo a produçãõ, escasseando-lhe todos os meios de impulsionamento, desviando de si para os visinhos municipios, em que se começavam a descontinuar novos campos de especulações lucrativas, homens e dinheiro que consigo iam levando a melhor somma da sua esperança. [...] Felizmente parece ter soado para S. Francisco a hora feliz, recompensadora de tão prolongados annos de confiante esperança, com o estabelecimento do ramal da Estrada de ferro S. Francisco ao Iguassú ora em construcção. [...] Já na cidade se nota desusada movimentação, estão se valorizando os terrenos, reanima-se as edificações, e por toda a parte se manifesta confiança em muito próximo engrandecimento [...] e não será para admirar que então se realise o estabelecimento de um arsenal de marinha, ideia já tão ventilada e discutida por competentes profissionaes (*Commercio de Joinville*, 1905).

Houve por certo período uma movimentação coletiva na vida social das edificações do núcleo urbano que se formava em São Francisco do Sul. Algumas residências se 'atualizaram' aos novos anseios sociais, enquanto outras foram descartadas.

Assim, uma nova elite se formou na cidade francisquense que trabalhando em industrializar e embelezar a cidade, tirando aspectos rurais e buscando seu lugar no mercado portuário internacional. A movimentada Rua da Praia, antes utilizada como zona de comércio portuário, agora passava a chamar-se Rua Babitonga, enaltecendo a conexão com a baía. Essa rua, principal eixo urbanizador, tornou-se foco de novos usos que enaltecêssem o passeio público restaurantes, lojas, galerias com vitrines na calçada. Fachadas coloniais em pedra recebiam novas feições com platibandas ornamentadas, relevos de estuque, adições de pavimentos e telhados de maior inclinação. [...] "Precisamos tirar da cidade essa feição de uma cidade adormecida, cujos beirais se parecem com pálpebras cerradas; as platibandas dão-lhes uma feição risonha, alteiam os edifícios, modernizamos, tornando-os altivos, encantadores, interessantes" (Ambus, 2018, p. 70).

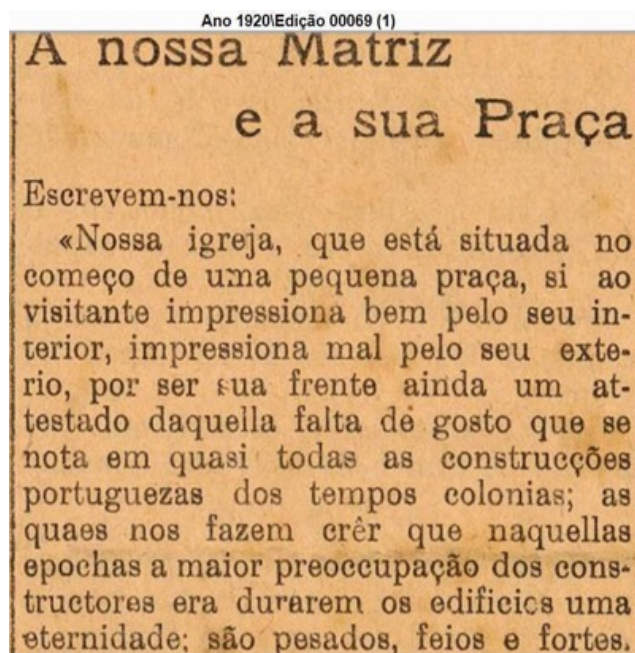
O movimento de repúdio às edificações luso-brasileiras é percebido em uma enunciação publicada em 1920 no jornal *A Razão* (Figura 2). Embora o trecho diga respeito à Igreja Matriz e seu entorno, tal movimento de des-

manche, ou “disfarce”, das edificações com arquitetura luso-brasileira toma por completo o Centro Histórico, em um empenho de substituição ou ao menos camuflagem de uma arquitetura vista como ‘ultrapassada’.

Desde os anos de 1858 a 1869 já registrava-se uma série de regras sobre o modo de construir nesta localidade, tais como a altura e largura das portas de entrada e a correspondência entre portas e janelas dos sobrados; como explica Martins (2008, p. 75), passou-se “a exigir uma licença da câmara para todas as novas construções e tornaram-se passíveis de demolição as casas consideradas em estado deteriorado”. As determinações presentes no Código de Posturas de 1887, com preocupações mais sanitaristas, e de 1926, com ideias de embelezamento, resultaram na forma adquirida por este núcleo urbano no início do século XX (Martins, 2008, p. 75-76).

Com relação aos adornos [...] normalmente ou se repetia o que já tinha, ou seja se tinha blocos ao redor das portas, nas portas novas também se repetia... Se tinha algo diferente, a borda do vizinho era um pouco maior, um novo conceito, se aplicava um elemento mais bonito nas casas novas. Ah! Mais aí aplicava um adorno diferente... Acabou ficando um estilo eclético, sempre para deixar mais bonito ou para aparecer uma coisa mais vistosa, sobretudo para quem tinha mais recursos. Quem tinha mais recurso fazia mais na fachada, quem tinha menos recurso, fazia menos (Rosa, 2023).

Figura 2 - Repúdio às edificações luso-brasileiras



Fonte: Hemeroteca Biblioteca Nacional Digital (2023); A Razão (1920)

Estes movimentos, reflete Oliveira (2023), são oriundos de reverberações do que acontecia em Paris e no Rio de Janeiro. As ideias do modernismo associadas a questões sanitárias circulavam mais fortes em enunciações dos sujeitos nesse período da história. A alteração estilística é perceptível à medida que a arquitetura luso-brasileira é em parte substituída pela arquitetura eclética. As edificações mais antigas da vila não ficaram imunes ao espírito pretensiosamente modernizador.

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

Possivelmente o registro mais antigo de edificações luso-brasileiras na Praça da Bandeira ficou ao encargo do artista cuja obra (Figura 3) está no Museu Histórico Municipal Prefeito José Schmidt, tais imóveis conforme marcação do artista eram de Joaquim Costa e L. Wanderlei. Nas palavras de Deud Filho (2023), nesta última edificação da esquina, havia, por volta de 1939, uma confeitaria: “a casa do meu pai foi construída em 1950, antes ali tinha uma padaria. Não era bem uma padaria, era uma espécie de confeitaria chamada Dona Tuta”.

Figura 3 - Registros de casas luso-brasileiras na obra de Lilico



Fonte: Museu Histórico Municipal Prefeito José Schmidt (2023)

Nos locais mais valorizados, os sobrados substituíram as casas térreas e a riqueza de adornos nas fachadas simbolizavam *status* para os proprietários. “Muitas vezes a organização espacial interna continuava a reproduzir os modelos da arquitetura colonial e as fachadas ‘inovadas’ não conseguiam esconder sua estrutura original” (Bugay; Silva, 1985, p. 19). No contexto imediato, para aquela comunidade, fazia sentido ‘modernizar’; havia sentido passar a existir uma edificação ‘mais moderna’ e a outra ser retirada, maquiada, camuflada... O embelezamento da residência cumpria o seu propósito de sinalizar o *status* de seus moradores.

A vida social de cada edificação deste entorno ingressa no diálogo para que mais adiante se possa observar o conjunto e seu enlace com a vida social dos sujeitos. A biografia cultural proposta por Kopytoff é apropriada a coisas específicas enquanto passam por mãos, contextos e usos diferentes; acrescenta-se a isso a preocupação de não analisar isoladamente a edificação. Mesmo quando o olhar volta-se a um imóvel, estão presentes conexões envolvendo outras edificações e o entorno, muitas estabelecidas ao longo dos anos, em outras épocas. Assim, o olhar entre a Praça da Bandeira, o casario e a Baía Babitonga traz riqueza sobre a tecnologia e a sociedade envolvida na construção deste patrimônio.

É importante também perceber que cada sujeito tem uma perspectiva singular em relação ao objeto: quem morou na edificação, quem trabalhou nela, quem construiu, quem reformou, quem adquiriu em uma outra época, quem frequentou a residência, o clube, a lanchonete... Da nossa posição única só nós temos a capacidade de ver o que vemos, mas também somos limitados a este

olhar. O potencial para novas interpretações se dá em função da singularidade e irrepetibilidade, pois na relação com o outro, na troca, no compartilhamento, ao tornarmos o olhar para o mesmo objeto, o mesmo sujeito já é outro sujeito. Assim acontece quando, depois de algum tempo, lemos um livro novamente, mesmo que nada nele mude, nós próprios já não somos mais os mesmos, olhamos o mesmo livro com outras lentes, pois, na relação com o outro, estamos em constante transformação.

O movimento de abrir-se ao diálogo comunga com o processo de comunicação em espaços museológicos abordado por Guarnieri.

Essa relação profunda entre o homem e o objeto que se desenvolve no museu é visualizada pela autora como um processo de comunicação no qual “o homem toma consciência do objeto enquanto parte do mundo natural e o transforma em imagem, em ideia-conceito, ou seja, o incorpora ao mundo intelectual por meio da sua internalização no sentido sociológico do termo”. E, portanto, um processo que comporta diferentes níveis (consciência, internalização, conceitualização, alimentação da memória, ativação do sentido crítico, realização de comparações) e pelo qual o homem passa da contemplação passiva a um “comportamento ativo e criativo” (Araújo, 2010, p. 119).

Nosso olhar em direção ao objeto não é neutro ou desinteressado, o simples fato de falar sobre ele já significa assumir uma certa atitude sobre ele, não uma atitude indiferente, uma atitude interessada.

A praça, o casario e a baía

Em relação às características mais recentes do casario (Figura 4), cabe fazer algumas observações ora isoladas, pertinente a cada edificação, ora conjunta, não somente porque compartilham paredes e fundos, mas, obviamente, porque a vida social das edificações enlaçam-se com a vida social dos sujeitos do entorno, incluindo seus moradores, trabalhadores, frequentadores, clientes.... Em azul com detalhes em branco, a edificação 6.04 substituiu a edificação luso-brasileira em que funcionava a Confeitaria Dona Tuta. Segundo acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), trata-se de um sobrado com características ecléticas edificado no início do século XX; sobre sua construção, Massad Filho pouco recorda.

Na época em São Francisco não havia ginásio. Então os pais mandavam a gente para o internato para poder estudar [...]. Da demolição da casa até a mudança eu não acompanhei porque eu estava no internato. No término [...] quando eu retornei das férias, eles já tinham feito a mudança (Deud Filho, 2023).

Com um recorte de esquina, conforme orientação do Código de Posturas, acompanhando térreo e piso superior, no interior dessa edificação, atualmente, um visitante encontra um comércio de roupas de uma marca bem conhecida nacionalmente. Contudo, nos registros localizados em documentos do IPHAN, já funcionou na edificação nas últimas décadas uma loja de enxovais e uma escola de idiomas.

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

Figura 4 - Casario na praça



- P2: proteção rigorosa - imóveis de relevância histórica e/ou arquitetônica, que sofreram alterações ao longo do tempo, passíveis de restauro.
- P3: proteção intermediária - imóveis importantes ao conjunto tombado, cuja volumetria deve ser preservada.

Fonte: Google Maps (2023)

Figura 5 - Detalhes do casarão 6.04



Fonte: Google Maps (2023) e acervo da Fundação Cultural Ilha de São Francisco do Sul (2023)

A instalação de comércios nos pisos térreos desde o século passado afetou a arquitetura das edificações. De acordo com Rosa (2023), "até 40... 30, as casas ali (na Praça da Bandeira) tinham o mesmo ritmo de aberturas [...]". Aquela área do centro,

[...] praticamente virou toda uma área comercial. [...] Em muitas casas de dois pavimentos, você vê um ritmo de abertura de janelas ou no caso quando tem sacadas em cima, diferente do térreo. Isso [...] foi sendo alterado sem critério de análise, e provavelmente quem alterou até às vezes a pessoa não tinha muito conhecimento, [...] não contratava nenhum profissional, ia fazendo do jeito

que achava que era mais prático, e quando a gente está falando de comércio no térreo uma das coisas principais é a vitrine... Essas lojas... Esses comércios térreos ali, eles acabaram tendo aberturas bem maiores que as aberturas originais. Você pegava uma porta e ia abrindo, abria mais esta porta, fechava com vidro e virava uma vitrine. Pegava uma janela, fazia o mesmo processo. Então tem várias casas ali que [...] são dois pavimentos, mas que na parte térrea tem essa característica de não recitar o mesmo ritmo de abertura [...] da parte superior [...]. Isto é uma mudança muito radical e não é uma exclusividade do nosso Centro Histórico, infelizmente, e também não acontece só na frente da Praça da Bandeira [...]. Os centros históricos de Florianópolis, Laguna, mesmo dos mais bem preservados, muitos deles apresentam exemplares com estas características (Rosa, 2023).

Na vida social desta edificação, exceto pela substituição da edificação de arquitetura luso-brasileira que abrigava a confeitaria pela arquitetura eclética, não houve expressivas mudanças. Os atores principais foram seus ocupantes, ou seja proprietários e locatários, para fins residenciais e comerciais, com as ações de intervenção após tombamento fiscalizadas pelos órgãos reguladores. O grande movimento ocorria fora da edificação, podia ser ouvido pela casa toda e visto de suas janelas, do balcão em direção à praça: desfiles de carnaval, encontros, comércio, clube, ponto de táxi, *footing*.

Este trecho da Praça da Bandeira é um dos trechos mais fotografados! Porque era ali que tinha parada de carnaval. O carnaval (os carnavalescos) dava volta naquela curva da praça. Eles paravam por ali, naquela praça. Então eu tenho fotos do levantamento de carnaval que mostram todas aquelas casas ali, quase que com detalhes. Porque era um zoom do carnaval mas que obviamente mostrava toda arquitetura da praça (Rosa, 2023).

Na edificação ao lado, o primeiro desvio sucedeu-se quando a residência de Joaquim Costa, em arquitetura luso-brasileira, é desmanchada e o local permanece como um terreno baldio, até meados de 1940/50. Desse período restam alguns registros fotográficos e a obra de Lilico comentada anteriormente. Na lacuna de ausência de registros, percebe-se uma edificação já sem uso, onde antes funcionava um restaurante com pratos típicos da cidade. E, embora no local continue se instalando empreendimentos do ramo alimentício, o segundo desvio ocorre em função de uma significativa intervenção no local que com o apoio do Programa Monumenta³ foi adequado ao formato de uma galeria.

Algo interessante, possibilitado pela reforma de edificação 6.05, é o acesso aos fundos do casarão onde é possível observar o pátio interno das edificações vizinhas com detalhes bem particulares. Neste espaço depara-se com a parede sem reboco da edificação 6.04, (Figura 6) onde constata-se tanto a presença de conchas, pedras e grude, característica da edificação colonial de arquitetura luso-brasileira como o assentamento de tijolos para a construção do segundo piso já em estilo eclético.

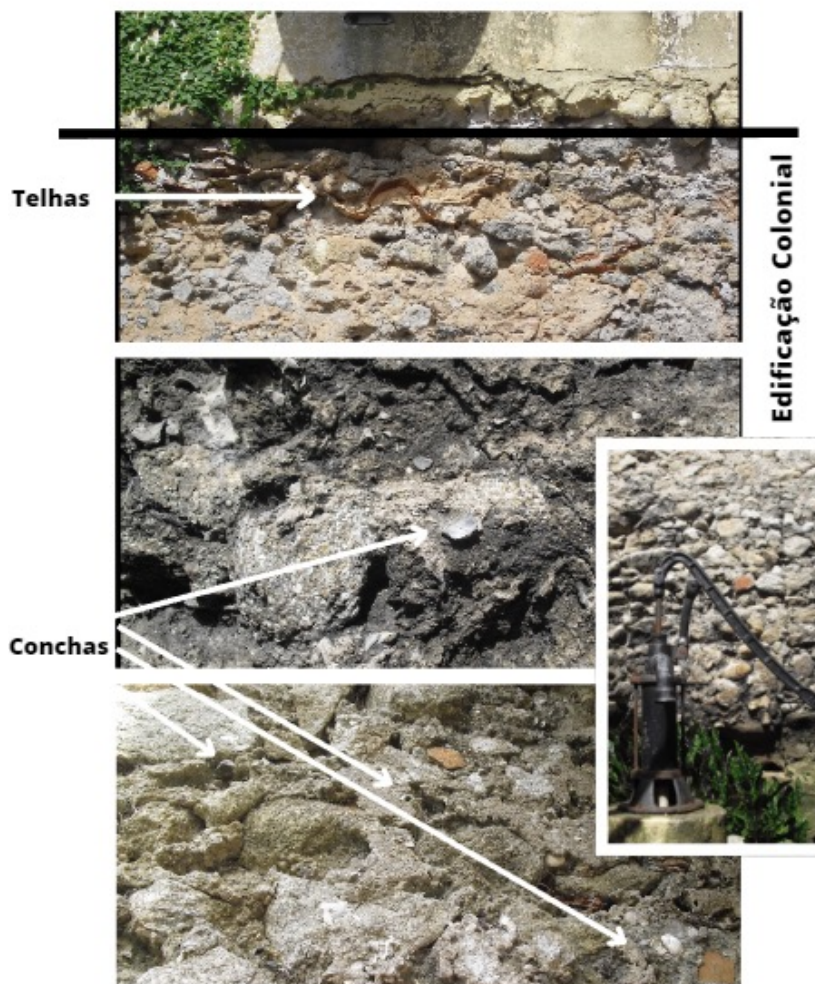
Esta mesma parede de grude, pedras e conchas, na época de sua construção, e mais a frente, ao receber a camada de tijolos, só aumentou seu significado ao entrar no grande tempo (conceito bakhtiniano), ou seja, dissolveu as

3 Em onze anos de implantação deste programa federal, mais de três centenas de intervenções foram realizadas em 26 cidades. Na perspectiva de qualificar os espaços públicos dos núcleos históricos e de gerar impactos econômicos, urbanos, sociais e culturais, as intervenções visavam criar bases concretas que pudessem permitir o desenvolvimento destas cidades com respeito ao seu patrimônio, a ser protegido e incorporado à vida urbana.

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

fronteiras de sua época para viver nos séculos uma vida mais intensa e plena do que em sua atualidade. Assim, hoje é possível acessar esta sobreposição de estilos construtivos, denotando, na afirmação de Weissheimer (2020, p. 23), a vitalidade econômica das cidades nesse período.

Figura 6 - Vestígios da edificação colonial



Fonte: Dados da pesquisa

No mesmo espaço um hidrante manual em ferro para obtenção de água para a residência permaneceu restaurado. Tais aspectos passariam despercebidos em um trajeto cotidiano de moradores da cidade ou em um trajeto turístico de visitantes menos atentos, contudo, pela presença da pátina, têm a chance de ressuscitar. Mas o objeto *per si* não diz muito, é a relação entre eu e o outro que propicia sentido.

O processo de desmanches de sambaquis para construção de cidades coloniais brasileiras é constatado em trechos dos estudos de Ambus (2019) e *in situ* nas paredes de muitas edificações do Centro Histórico de São Francisco do Sul, especialmente em função de sua localização na faixa litorânea.

Na região da baía Babitonga, que compreende grande parte do município de São Francisco do Sul, e cidades pertencentes à macrorregião do litoral norte de Santa Catarina como Araquari e Joinville, conforme levantamento do MAS] – Museu do Sambaqui de Joinville, há um total de aproximadamente 150 sambaquis “e em São Francisco do Sul sete caieiras funcionavam a partir de sambaquis” (Ambus, 2019, p. 53-54).

Em outras fontes de dados constatou-se que as evidências históricas ali presentes eram por muitos negligenciadas. Para os mais antigos a crença de que os sambaquis eram remanescentes do “dilúvio” permaneceu enraizada. Segundo Fernandes (2003), nascido em 1910, “[...] Depois dele (sambaqui em frente a Conquista, bem lá dentro), proibiram de mexer nos sambaquis. Faziam cal da casca de berbigão. [...] Ali no porto Rei [...]. Por isso que tem o nome de Caieira” (Fernandes, 2003, p. 11; LHO, 2023).

Reafirmando que não foram os indígenas, foi o dilúvio, Santos⁴ (2006) completa:

[...] Eu não sei, meu pai dizia que aquilo é de quando deu o dilúvio, ele moveu toda aquela gente morta, aquelas coisas e amontoou-se no monte, e ficou aquilo lá. As pedras que aguentaram ficar plantadas ficaram, aquelas que não aguentaram ficaram ali, tanto que no casqueiro dizem que tem pedras grandes também, então é isso aí, tipo quando dá um vento, como deu, pega essas coisas, move tudo e amontoa, depois fica lá aquilo (Santos, 2006; LHO, 2023).

Em relação à técnica construtiva das edificações, acrescenta-se que há enunciações que sinalizam o uso de óleo de baleia e a participação de escravos no processo de construção. No que tange à participação de negros escravizados ou libertos nas construções da região, algumas enunciações de Nascimento (2011) foram localizadas, muitas das quais vinculadas à vinda das famílias das fazendas para o Centro Histórico.

Em várias entrevistas orais a gente ouviu de que muitos negros descobriram que estavam libertos aqui na região de São Francisco com a vinda da Rede Ferroviária Federal para cá. Porque precisava de mão de obra para construir a rede ferroviária e conforme vinha chegando a rede os negros sabiam que eles estavam libertos e isso foi em 1908, mais de 20 anos depois da libertação oficial dos escravos. Então havia um acordo velado no período... Pelo menos é o que se comenta e é o que a gente tem coletado que os antigos falavam. Que havia um acordo que os donos dos escravos disseram: - Não, vocês fiquem cuidando da fazenda, nós vamos morar na cidade e a gente vem aqui buscar a produção (Nascimento, 2011; LHO, 2023).

Em algumas casas tinham e ainda tem o porão, como é o caso da edificação 6.06 (Figura 4). Conta Pinheiro (2005) que “[...] os escravos na verdade [...] eram empregados na época da casa, mas ainda eram tratados como. Lá era a parte onde ficavam; não se misturavam. Não tinha essa coisa de ficar junto, só na parte de fazer o trabalho. Tanto que tem ali a casa da família Görresen (o porão)”.

Sobre o interior da edificação, considerando fotografias é interessante observar como as esquadrias superiores da porta abrem. A visão possibilitada pelas esquadrias do piso superior em direção à rua também surpreende.

4 Nascida em 1940.

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

Em relação à distribuição das peças, observando a planta baixa da residência, constata-se uma sala de jantar ampla, sala de estar ampla e com abertura para a sacada, quartos pequenos e sem banheiro. Escadas dentro da casa e nos fundos, em estrutura em arcos. Tendo nesta última acesso ao piso inferior da casa, ligando cozinha e porão. No interior do casarão também foi identificado estuque e barro na construção das paredes.

Em 1964, conforme arquivos do IPHAN, Dorival Corrêa, comerciante, comprou o casario de Hildegard Görresen Fricks. No registro dos relatos dos residentes, de 1995, na ocasião do levantamento das características arquitetônicas, a família comprou a casa em 1962, mas conhece a casa desde 1935, quando era da Família Görresen, em cima era um salão de bailes e no térreo comércio. Deud Filho (2023) lembra do salão, como observa-se em seu comentário: “depois da casa do meu pai tinha um terreno baldio, depois que eu me lembro da minha primeira infância [...] era o Clube Recreativo União [...]. Uma sociedade recreativa dançante, que depois mudou lá para perto da igreja”.

[...] Nós frequentávamos o Clube XXIV, o Cruzeiro e tinha o União [...]. O União sempre fazia dancinha depois do cinema. Quando a gente podia escapar, a gente ia, porque meu cunhado não deixava a gente ir ao União depois do cinema, para não ficar muito tarde. A minha irmã, então dava um jeitinho, e a gente entrava bem devagarzinho; e ia no União. Eram esses os três clubes do centro da cidade. O XXIV é o mais tradicional (Pereira, 2003; LHO, 2023).

Se no piso superior a ocupação voltava-se a bailes e, mais adiante, a moradia, no térreo o segmento de restaurantes vigorou por muitos anos. Mas já foi cartório e alfaiataria, conforme registros do IPHAN. A Lanchonete Guarujá que ali funcionou foi bastante lembrada. Zattar (2023) recorda das bancadas em fórmica, dos bancos bem modernos para a época; ali era um local que os jovens gostavam de frequentar. Ozório (2023) completa: “[...] a Lanchonete Guarujá [...] funcionava nos anos 70 [...]. Ali era um ponto de encontro. As pessoas iam ali beber para ir para o baile [...]”.

A arquitetura e a estrutura da edificação 6.06 perduraram após o tombamento com as ações de preservação monitoradas pelo IPHAN e as ações do Programa Monumenta. As circunstâncias dos bailes em seu interior numa época mais longa, bem como o ‘esquentá’ para os bailes do Clube Náutico Cruzeiro do Sul na Lanchonete Guarujá, em uma fase mais recente, estiveram presente nos trechos das entrevistas realizadas junto a moradores de diferentes faixas etárias, destacando a continuidade da relevância social desta edificação para a comunidade.

Com o comércio, para aproveitar o fluxo de pessoas e dar suporte às atividades correlatas, associavam-se os serviços de rua e o serviço de chofer. As crianças brincavam, mas também trabalhavam, especialmente aquelas que auxiliavam na renda da família. Um dos sujeitos entrevistados (2023) comentou que aos 8 anos, seu pai perguntou se ele já sabia fazer conta e após alguns testes que atestaram sua habilidade no cálculo do troco lhe deu um dinheiro para comprar amendoim, descascar, torrar e vender: “o dinheiro da venda será seu, e de agora em diante você vai comprar o uniforme e o material da escola”. Era comum crianças trabalharem: “se você ia trabalhar e era menor, naquela época existia o salário do menor e eles pagavam a metade do salário do menor (risos)” (Entrevistado, 2023).

Na questão do abastecimento de água, esta região pela proximidade da carioca na Rua General Osório, também contava com pessoas que carregavam

água para suprir as demandas das edificações. Görresen (2023) comenta, “tinha o cangueiro (prestadores de serviço) eu só conhecia como chico caminhão [...]. Então tinha gente que pagava e que fazia isso: levava para as casas (a água). Lá em casa eu que fazia; eu que ia buscar na Carioca⁵. [...] Quem morava perto ia buscar”.

Referente à edificação 6.07, o casarão, pertencente a Elmosa Assef Cecyn nos anos 1987/88, foi construído (encomendada a construção) por seus pais de ascendência sírio libanesa, por volta de 1937. O conjunto do imóvel é descrito como um terreno com uma casa de sobrado com duas partes na parte térrea e janelas na parte superior com platibandas (uma moldura ou faixa horizontal na parte superior de uma construção que tem como finalidade esconder o telhado, as calhas e outros materiais de construção), coberta com telhas francesas assoalhadas e forradas. Após espólio, compras e vendas de partes do imóvel entre os herdeiros, a edificação e o comércio ficaram ao encargo de Maria de Lourdes Cecyn, a filha mais velha.

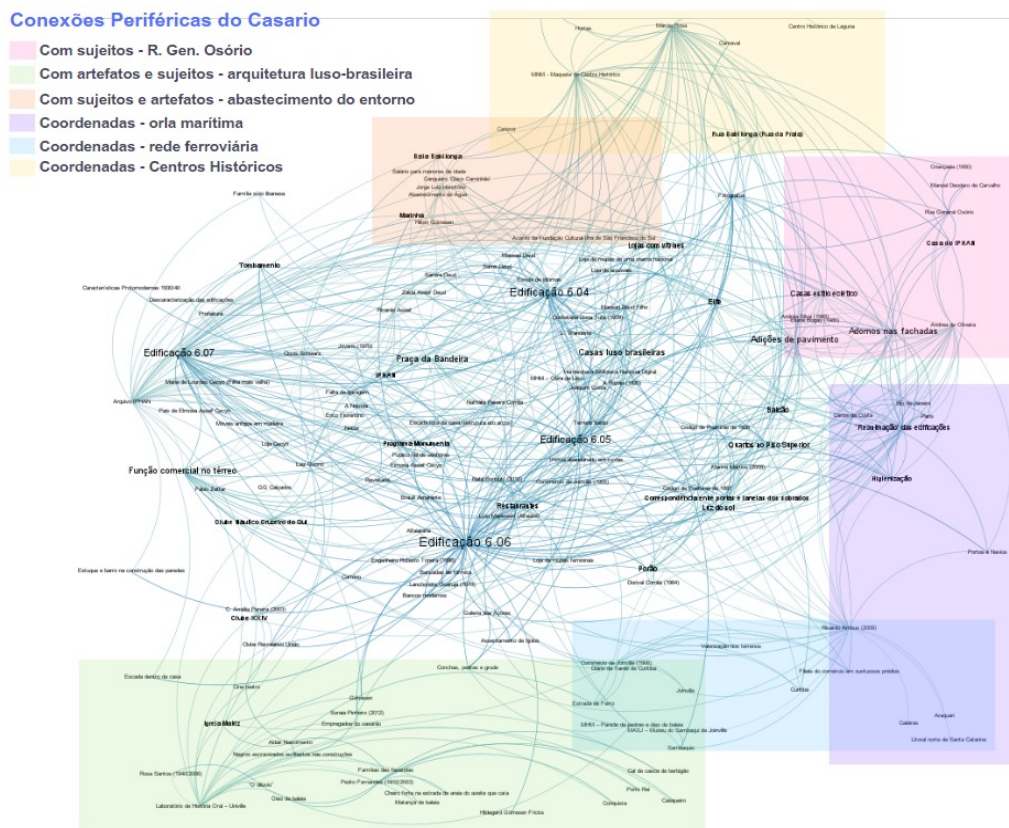
Muitos dos entrevistados lembram que a Loja Cecyn atendia um público cativo de senhoras com mercadorias para senhoras. Segundo Ozório (2023) “era uma loja curiosa... Uma boa parte não estava na moda, mas ela tinha um público fiel [...]”. Mais recentemente, com o envelhecimento dos moradores, a falta de continuidade dos negócios da família pelos herdeiros e/ou muitos herdeiros para dividir a edificação herdada, observa-se a locação dessas edificações para distintos negócios, o que de certo modo assegura a preservação do patrimônio, sempre que monitorado pelo IPHAN. Tanto o movimento social como o comercial estavam fortemente associados à orla e à atividade portuária propiciada pelas características naturais da Baía Babitonga, com a evasão e o envelhecimento dos moradores da poligonal isso foi abrandando.

Conexões centrais e periféricas na construção do patrimônio edificado

Em meio à diversidade das enunciações colhidas sobre o casario, percebe-se que a situação social mais próxima e o ambiente social mais amplo determinam completamente e de dentro a estrutura do enunciado. Tais circunstâncias em parte são externalizadas pela arquitetura eclética remanescente das camadas de embelezamento pelo qual passou o Centro Histórico de São Francisco do Sul. Na análise do conjunto do grafo ilustrado na Figura 7, observa-se que alguns nós ao longo dos anos conectam-se aos quatro casarões: o Código de Posturas de 1929, a função comercial no térreo, adições de pavimentos, adornos nas fachadas, pátio dos fundos integrado com outras casas, registros fotográficos especialmente vinculados ao Carnaval, estilo arquitetônico eclético e representações das edificações miniaturizadas em uma exposição do Museu Nacional do Mar.

⁵ Fonte d'água.

Figura 8 - Conexões na construção do entorno praça-casario-baía






Fonte: Dados da pesquisa com aplicação de Gephi 10.0

Para uma melhor detalhamento dos enlaces que permeiam a construção deste patrimônio, são analisadas nos Quadro 2 e 3, além das conexões associadas a cada casarão, seis conexões periféricas identificadas durante o período de observação das enunciações presentes em fontes orais e escritas de distintas épocas sobre este entorno.


Mediante as conexões analisadas constata-se que, enquanto alguns nós conectam este casario a outros casarões do Centro Histórico tombado, outros vinculam-se a duas edificações do conjunto observado em pormenores, a saber:

- 1) Edificações 6.04 e 6.05: seu espaço já foi ocupado por casas de arquitetura luso-brasileiras e dividem uma parede de concha, pedra e grude;
- 2) Edificações 6.05 e 6.06: participaram do Programa Monumenta; contam com correspondência entre portas e janelas e já funcionou em suas instalações restaurantes;
- 3) Edificações 6.07 e 6.04: lojas com vitrines no térreo; os proprietários da família Cecyn e Deud, respectivamente, são parentes da família Assef de origem sírio libanesa.

Quadro 2 - Conexões centrais do casario

Fachada	Conexões com artefatos e sujeitos - Edificação 6.04
	<p>Com sujeitos - após a substituição da edificação luso-brasileira que ocupava o mesmo espaço, vigora a conexão de espólio e venda de partes do imóvel entre sujeitos da mesma família, bem como a de locação para comércio e prestação de serviços.</p> <p>Com artefatos - da fase anterior, época da Confeitaria da Dona Tuta e da morada de L. Wanderlei restam a parede de conchas, pedras e grude <i>in situ</i>, construção de parede semelhante e obra de Lilico no acervo do Museu Histórico Municipal Prefeito José Schmidt e miniaturização em maquete no diorama do Museu Nacional do Mar.</p>
Observações	
<p>Somente ingressando na edificação ao lado (6.05) é possível vincular a arquitetura atual (ecléctica) à anterior (luso-brasileira). Ainda assim requer aproximações de acervos dispersos, especialmente registros fotográficos do passado.</p>	
Fachada	Conexões com artefatos e sujeitos - Edificação 6.05
	<p>Coordenadas - a localização das edificações que ocuparam e ocupam este espaço, na continuidade da Rua General Osório (entre a carioca e a orla) e diante da praça (no centro comercial e no movimento dos serviços de chofer/ponte de táxi), interferiu e interfere nos serviços que ocuparam e ocupam suas instalações.</p> <p>Com artefatos - Sua adesão ao Programa Monumenta permitiu que nos fundos da edificação o transeunte tivesse contato com equipamentos e técnicas de construção antigas, além de um panorama dos resquícios dos fundos das edificações do entorno.</p>
Observações	
<p>Apesar de não localizar muitas informações sobre os serviços e moradores que ocupavam as edificações anteriores, o período em que este espaço ficou desocupado, seja como terreno baldio, seja como edificação em deterioração, em função das mínimas intervenções, colaborou para a preservação dos fundos da edificação, tão ou mais rica que a sua frente, apesar de pouco visitada.</p>	
Fachada	Conexões com artefatos e sujeitos - Edificação 6.06
	<p>Com artefatos - na vida social desta edificação, seja em função dos bailes ou da Lanchonete Guarujá, diferentes sujeitos tiveram contato com o seu interior e levaram consigo lembranças dessas vivências.</p>
Observações	
<p>Atualmente, ao ingressar no restaurante que ocupa o térreo da edificação é possível observar alguns detalhes da antiga construção.</p>	

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

Fachada	Conexões com artefatos e sujeitos - Edificação 6.07
	<p>Com artefatos - os móveis antigos e os detalhes em madeira são lembrados tanto por quem os fez como por parentes mais próximos dos Cecyn.</p> <p>Com sujeitos - o contexto de proximidade familiar com os Assef e função comercial, com roupas para senhoras são vínculos fortes considerando a vida social desta edificação.</p>
Observações	
<p>Não foi possível acesso nem contato com os últimos moradores, logo não constam neste estudo registros fotográficos ou depoimentos mais detalhados sobre o interior e a mobília da edificação. A edificação desde sua construção foi ocupada pela família Cecyn, mas pouco acesso se teve as atividades desta família antes de se instalar no Centro Histórico.</p>	

Fonte: Dados da pesquisa com aplicação de Gephi 10.0

Quadro 3 - Conexões periféricas do casario

Conexões coordenadas - Rede Ferroviária	
Circunstâncias da enunciação	Observações
<p>Na época dessas publicações - Jornal Diário da Tarde (Curitiba) e Jornal Comercio de Joinville (1906) - era costume ler mais de um jornal diariamente, visto que na escassez de telefones e televisões, o jornal configurava-se como um veículo de comunicação e de entretenimento com réplicas e tréplicas entre leitores, poesias, notícias, anúncios.</p>	<p>Devido a proximidade com a Guerra do Contestado eram intensas as publicações entre jornais do Paraná e de Santa Catarina, especialmente na região norte catarinense.</p> <p>A inserção de São Francisco do Sul no trajeto da Estrada de Ferro impactou, pela expectativa de 'progresso', no desenvolvimento do comércio e no movimento de substituição das edificações luso-brasileiras pela arquitetura eclética e da configuração da poligonal tombada.</p> <p>Os trilhos que cortam a cidade em direção ao Terminal Portuário dividem o Centro Histórico do restante da cidade e gera transtorno à movimentação local dos residentes. O trem de hoje só transporta carga, boa parte graneleira. A antiga estação ferroviária fica inacessível em função do isolamento do porto. Tal situação cotidiana aparenta desafio a ações de valorização deste patrimônio junto à comunidade local.</p>

Conexões coordenadas - Centros Históricos	
Circunstâncias da enunciação	Observações
<p>Tal conexão teve como nó principal um membro da equipe que fez a exposição de miniaturização do Centro Histórico de São Francisco do Sul exposta no Museu Nacional do Mar.</p> <p>A coleta das enunciações mais presentes nesta conexão periférica deu-se via entrevista em uma edificação tombada próxima à Praça da Bandeira.</p>	<p>Há possibilidades de estabelecer comparativos entre as formações dos Centros Históricos de São Francisco do Sul, Laguna e Florianópolis contemplando visitas <i>in situ</i>.</p>

Conexões com artefatos e sujeitos - Arquitetura luso-brasileira	
Circunstâncias da enunciação	Observações
<p>Gravações em áudio seguidas de transcrição de histórias orais cujos entrevistadores pertencem à academia.</p> <p>O acervo reúne enunciações no formato escrito e oral (com tom) de fundamental importância para perceber a perspectiva dos sujeitos entrevistados conforme o tema selecionado pelos sujeitos pesquisadores do Laboratório de História Oral - LHO.</p>	<p>Apesar de reunir relatos dispersos de diferentes sujeitos, percebe-se aproximações em torno dos materiais e dos recursos empregados na construção de edificações luso-brasileiras, que não existem mais na Praça da Bandeira.</p> <p>Os negros escravizados ou libertos são vinculados à construção do Cine Teatro e da Igreja Matriz.</p> <p>A conexão com os bailes aparece à medida que as enunciações se aproximam do Clube Recreativo União instalado por certo período na edificação 6.06. Em suas características permaneceram o porão e a escada externa, para que negros e brancos não se misturassem. A mesma segregação era comum também em bailes daquela época.</p>

Conexões com sujeitos - Rua General Osório	
Circunstâncias da enunciação	Observações
<p>Tal conexão teve como nó principal uma historiadora e moradora que compartilhou suas vivências e conhecimentos trazendo dados a serem ampliados sobre as edificações e moradores da Rua General Osório.</p>	<p>A riqueza de adornos e a referência feita por outros entrevistados à rua da criança que ocupava esta rua e a praça, bem com o trajeto entre a fonte d'água (carioca) e a orla são possibilidades promissoras para ações <i>in situ</i>. Crianças de escolas visitando o Centro Histórico costumam passar por este trecho da rua.</p>

Conexões coordenadas - Orla Marítima	
Circunstâncias da enunciação	Observações
<p>Dois nós sinalizaram esta conexão. Um deles consiste em um estudo desenvolvido em 2019 sobre a paisagem portuária em São Francisco do Sul na área de arquitetura e patrimônio cultural. Embora sob uma autoria, em estudos como esse (e este) participam das enunciações muitos sujeitos (orientador, banca, autores de fontes consultadas). Não se pode nem deve desconectar os elos que precedem a cadeia de comunicação discursiva.</p> <p>As conexões vinculadas ao outro nó evidenciaram-se em entrevista realizada junto a uma historiadora e moradora que compartilhou suas vivências e conhecimentos sobre a Praça da Bandeira e seu entorno.</p>	<p>A localização do Centro Histórico às margens da Baía Babitonga, traz sentido às demais conexões embora estes enlaces apareçam como periféricos.</p> <p>Aglutina-se à Baía Babitonga, o sambaqui e as caieiras (vinculadas às conexões mais longevas com artefatos e sujeitos - arquitetura luso-brasileira) à movimentação portuária, a reanimação das edificações, cidades vistas como referência na época na formação de uma arquitetura eclética, mais recente.</p> <p>É relevante trazer estes aportes para reflexões (e refrações) a respeito da essência da formação desse patrimônio arquitetônico e paisagístico do qual participam as características naturais, os artefatos deixados pelos sujeitos do passado e os sujeitos que se aproximam ao longo dos anos e vão alterando e/ou preservando na relação do homem com o real.</p>

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

Conexões com sujeitos e artefatos - Abastecimento do entorno	
Circunstâncias da enunciação	Observações
Tal conexão teve como nó principal um ex-morador e trabalhador do entorno que compartilhou suas vivências e conhecimentos a respeito da Praça da Bandeira e seu entorno.	O sujeito principal deste nó, com base em suas vivências e da atividade de seus pais trouxe uma importante perspectiva, para além dos comerciantes: a dos prestadores de serviços e empregados dos casarões. A falta de infra estrutura para água e a carioca, os poucos carros de outrora e a ausência de garagens percebidas agora contextualizam as circunstâncias dos distintos serviços: cangueiro, trolinho, chofer, carroças, baterias trazendo bergamotas.

Fonte: Dados da pesquisa com aplicação de Gephi 10.0

A área dos fundos do casario também traz particularidades, o pátio interno compartilhado reserva características que atestam vivências dos antigos moradores.

[...] Era muito comum, tu pegar essa quadra toda aqui que fica do lado oposto da baía, da Praça da Bandeira, toda essa quadra praticamente tinha parte interna. As casas que ficam viradas para a Praça da Bandeira e as casas que ficam viradas aqui para a rua de cima [...] todas elas se comunicavam. Algumas eram de uma mesma família. A mesma família que tinha casa para cima, tinha casa para baixo; então o muro de trás da casa não era nem muro, era uma divisória, um cerco, uma coisa assim, conectado inclusive.
Tem muitas estórias, muita ficção, de pessoas que acabavam frequentando a casa dos outros de forma... vamos dizer assim: de forma não muito correta, vamos dizer... maridos... mulheres... padres... Tem a questão da residência do padre que morava lá em cima... Tem muitas histórias assim engraçadas, neste sentido aí. Quando a gente fez um levantamento do centro histórico (risos), as pessoas falavam muito disso: "ah isso aqui não tinha divisória nenhuma! Um entrava na casa do outro, mas eram épocas diferentes... A não ser nesse caso de uma situação de quase traição (risos), de homens entrando em casas de mulheres e vice-versa... havia muito respeito assim. De respeitar e entender qual era o limite de sua casa, de não entrar, não furtar coisa, compartilhar inclusive hortas, algumas coisas de fundo de casa (Rosa, 2023).

Figura 8 - Fundos da casario



Fonte: Dados da pesquisa

As hortas e os fundos compartilhados não existem mais. Há cercas, grades, divisões, aparelhos de ar condicionado, parabólicas (Figura 8). Mas alguns tijolos antigos persistem, marcações nas paredes de algo que antes estava e não está mais. A escada em arco permanece ali, marcando sua presença, assim como as torres e o relógio da igreja marcando a passagem do tempo. Assim como olhar pela frente, olhar o casario pelos fundos, trazendo a perspectiva de outros sujeitos, possibilita novas camadas de interpretações.

O patrimônio edificado e seus construtores

No Centro Histórico de São Francisco do Sul as edificações são diretamente associadas aos proprietários antigos e atuais, não aos feitores. Os sobrenomes das famílias são vinculados às construções, inclusive na publicação São Francisco do Sul: construções históricas, alusivas aos 500 anos do município. Nas conversas entre moradores, mesmo nas redes sociais e nos depoimentos coletados em entrevistas, esta associação é bem marcante e consistente, não sendo diferente nos municípios vizinhos desta região. Todavia, para que a edificação passasse a existir, além daqueles que a compraram ou contrataram sua construção, há o construtor, o marceneiro, o estucador, o forjador, o oleiro... e elucida Castriota (2012, p. 21) suas formas de expressão e seus modos de criar, fazer e viver.

[...] a arquitetura tradicional, fruto de um conhecimento profundo do meio envolvente e da sua relação com os materiais, é um dos mais importantes testemunhos dos modos de viver de um povo e da visão de mundo de uma cultura, que se manifesta na presença humana no território integrando contextos socioeconômicos, técnicos e culturais (Castriota, 2012, p. 18).

Em relação às ausências de enunciações voltadas a sujeitos, por assim dizer, feitores do Centro Histórico de São Francisco do Sul, ao longo da coleta de dados, não foram citados pintores específicos ou mais antigos, no entanto, localizou-se informações sobre o uso de cores e de ornamentos, bem como um acompanhamento das cores escolhidas pelos proprietários das edificações considerando o todo da paisagem e o estilo arquitetônico.

Em sua peculiaridade, o casario de São Francisco do Sul apresenta adornos bem ricos. Sobre estes adornos, Rosa (2023) explica,

[...] na maioria das residências mais antigas, isso eram moldes de gesso que eram feitos [...], preenchia-se com argamassa mais porosa possível e se colava isso na fachada. Alguns deles eram feitos direto na fachada, não era com molde. A pessoa colocava massa na fachada e desenhava isso na fachada. Por isso, tem alguns casos assim que se tu olhar, teoricamente são para ser os mesmos adornos [...] a uma olhada rápida eles são iguais, mas se tu reparares um por um com cuidado, você vê que tem uma pequena diferença entre eles porque eles eram feitos *in loco*, no próprio local. Isso lá na época da construção [...]. Hoje, nas reformas que a gente faz [...], quando a gente vai restaurar uma peça dessas, porque essas peças elas acabam deslocando com o tempo porque ou elas eram coladas, ou elas eram chumbadas, as pessoas colocavam uns ferrinhos na parede, essa massa ainda estava um pouco mole e ela encaixava ali, praticamente colava, com uma cola com uma argamassa. [...] Para isso ficar colado na fachada, depois [...] se faziam os acabamentos nas bordas, um acabamento, mais fino, mais delicado de borda, depois de pintura... Massava, lixava, dava um acabamento fino, mas isso era acabamento de obra já, quase já na fase da pintura. Hoje quando a gente vai fazer, só moldes, hoje não se faz mais nada praticamente na parede. A gente já fez uma obra aqui inclusive que a gente fez uma peça dessa com gesso. Montou uma caixa, colocou gesso, quando ele estava quase secando, encostou na parede para ele pegar o molde daquela peça... Passou um tipo de óleo na peça para ele não colar no gesso, aplicou o gesso esperou ele secar, retirou e fez um negativo daquele molde. Encheu de argamassa, de concreto, fez uma massinha, botou uns ferrinhos para ele armar um pouquinho, ficar mais firme e depois colou isto em um outro ambiente onde era para ter um igual e tinha caído com o tempo ou tinha quebrado [...] (Rosa, 2023).

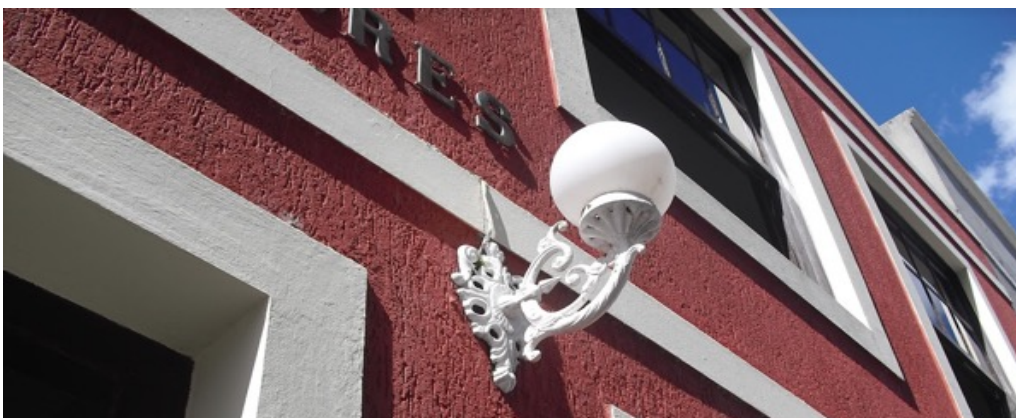
Figura 9 - Cores e adornos - Casario na Praça da Bandeira



Fonte: Dados da pesquisa

O termo estuque, explicam Fígoli e Campelo (2012, p. 86), é reservado, na atualidade, para referir-se às argamassas aplicadas em edificações antigas. Já o estucador é quem aplica o estuque: a massa de revestimento a base de cal e areia, conhecida comumente como reboco. Mas ao longo da coleta de dados sobre a vida social das edificações, não houve referência nem a estucadores nem a ferreiros/forjadores. Estes últimos, fabricam e reparam objetos e peças metálicas empregadas em construções tradicionais (Figura 10), como fechaduras, trincos, dobradiças, cravos, gradis.

Figura 10 - Ferragem nas edificações da Praça da Bandeira



Fonte: Dados da pesquisa

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

Sobre adornos em madeira, Rosa completa,

[...] é uma coisa bem específica. [...] A gente já fez algumas obras aqui em São Francisco e a nossa dificuldade... Acho que a palavra é paciência. Paciência para executar esta obra na velocidade coerente com a tipologia. [...] Por exemplo você vai recuperar esquadria [...], uma esquadria de madeira dessas ((da complexidade que são ou com os detalhes que têm as esquadrias do casario do Centro Histórico)) [...] tem que ter um conhecimento muito específico para recuperar uma esquadria como essa, se você quiser recuperar exatamente com as mesmas medidas, dimensões, exatamente como o modelo existente (Rosa, 2023).

Se o carpinteiro leva a cabo o seu empreendimento no canteiro de obra da construção, o marceneiro realiza a sua arte, em geral na oficina, onde fabrica móveis e peças decorativas. Em São Francisco do Sul, durante a coleta de dados, teve-se contato com Florentino, um antigo marceneiro da região, que aos seus 80 anos concedeu entrevista em sua própria casa, construída por ele mesmo, onde no térreo funcionava sua oficina até ele se aposentar. Tal oportunidade propiciou uma melhor compreensão dos bastidores dos artífices que trabalhavam na região. Nas palavras de Florentino,

Eu toda vida gostei muito desse tipo de trabalho. Eu comecei a aprender a ser marceneiro em Joinville com 12 anos de idade. Eu gostava muito de fazer esse serviço. Eu era muito procurado porque eu fazia muito banco de igreja por esse Brasil afora. Não fiz só para São Francisco, não fiz só para Joinville, onde eu tive marcenaria por 22 anos. Eu fiz para outras cidades, várias cidades... Jaraguá... Curitiba... trabalhava bastante em Curitiba porque o pessoal me conhecia [...]. Passei um período afastado da marcenaria, porque me envolvi com loteamento [...]. Passou um tempo longo sem eu trabalhar com a marcenaria, mas no fim da minha vida eu vi que era voltar para a marcenaria. Aí voltei pelos 53, 54 anos, construí uma marcenaria aqui, embaixo dessa casa [...]. Aí trabalhei mais uns anos aqui onde eu fiz estas coisas aqui. [...] Você leva no mínimo seis anos para ser marceneiro, tendo cabeça boa. Marcenaria é muito perigoso... Muito perigoso. Uns 50, quase 60 anos, olha aqui os meus dedos... ((mostra os dedos das mãos)). Esse aqui a máquina cortou aqui. E esse aqui cortou junta, cortou tudo. Ficou tudo em cima da máquina até os ossos [...]. Esse aqui ((mostrando um dos dedos)) eu peguei e botei dentro de um potinho aí e levei no Hospital de Caridade, naquele tempo ali em cima do morro ainda. Me botaram dentro do gelo e levei o dedo para Joinville. Lá um médico, um japonês, implantou para mim. Esse foi o meu acidente mais grave da marcenaria e assim eu tive muitos funcionários que perderam dedo, [...] Um chegou a perder três dedos em uma vez, mas graças a Deus eu sempre me saí bem, sempre tive meus direitos paguinhos. Direitos deles ((dos funcionários que trabalharam com ele)) para eles ter para onde correr, para ser atendido, para receber o dinheiro (Florentino, 2023).

Percebe-se uma proximidade muito grande de Florentino com as obras de marcenaria de muitas igrejas da região, muitas vezes como trabalho voluntário. Em São Francisco do Sul foram um ano e seis meses de dedicação na reforma da igreja matriz sob a supervisão do IPHAN.

[...] O altar de São Francisco foi feito na marcenaria em que eu era aprendiz isso lá pelos anos 57/58. Antes dos anos 60. Foi feito lá. Eu como aprendiz ajudei a fazer e ajudei a montar aqui!! O altar central, aquelas colunas de madeira que tem, aqueles torneados, aquelas coisas, isso aí nós trouxemos dentro do trem, porque meu ex patrão não tinha veículo; nós trouxemos dentro do trem e ali nós montamos. E agora depois de velho, com quase 60 anos, eu comecei a trabalhar na reforma da igreja e reformei aquilo que eu tinha trabalhado com 14 anos (Florentino, 2023).

Muito vívido e com muitas histórias, as conversas com este marceneiro facilitou a percepção do tecido social que perpassa as construções e as reformas dessas edificações históricas. Florentino, entre outras coisas, reformava móveis, fez muitas portas e muitas janelas do casario do Centro Histórico, conforme relata: “das casas eu não guardo muita recordação. [...] Trabalhei na loja Cecyn, fiz toda a reforma deles. Reformei o que era de porta, janela. Tudo da Cecyn que já não existe mais hoje. Que era uma das lojas antigas. [...] Ali naquelas lojas eu trabalhei em quase todas.”

A ‘entrega’ do móvel, no caso do marceneiro, ou da edificação, considerando o conjunto de sujeitos envolvidos no feito, a fim de que a coisa prossiga sua vida social, em pormenores, requer compreensão dos enunciados concretos que perpassam tal atividade. Neste ‘passar’ a coisa feita por mim para o outro, segue com o objeto os meus enunciados e os enunciados anteriores aos meus em pátina. Tal diálogo, se dá em relação a todos os sujeitos que se aproximaram e que se aproximarão do objeto de forma interessada. Daí depreende-se que o acesso aos elos precedentes da comunicação discursiva devem ser mantidos e incentivados, especialmente por profissionais da museologia e do patrimônio à medida que tais objetos tornam-se acervos ou são tombados, como no caso das edificações.

No âmbito dos fatores, levando em conta outras técnicas construtivas já empregadas nesta localidade, ou em outras com as quais teve contato, tais ‘respostas’ podem vir no sentido de rejeitar, confirmar, completar técnicas anteriores. “A relação com a palavra do outro difere essencialmente da relação com o objeto, mas ela sempre acompanha esse objeto” (Bakhtin, 2018, p. 62). No exercício da maestria técnica, essa inter-relação dinâmica entre o discurso transmitido (alheio) e o discurso transmissor (autoral), pedra e cal, diferentes tipos de madeiras, argilas, vão ganhando forma. Mendes (2012, p. 18) enfatiza: o protagonismo dos artefatos dá-se na interação com quem os cria, produz, comunica, circula e usa. A ‘resposta’ ganha contornos no objeto, mas o sentido está entre enunciados situados, sociais que se confrontam, se completam, se tensionam.

Ofertar uma interpretação em uma exposição museológica dentre outras tantas possíveis é diferente de delimitar e isolar o objeto. No primeiro caso, justapõe-se outras perspectivas; no segundo, produz-se uma imagem em ausência, ocultam-se elos, a exemplo dos construtores do Centro Histórico. É preciso construir esta ponte para os destinatários, porém não apenas uma ponte, muitas... É preciso deixar as pontas soltas para que outros se aproximem e se conectem.

Considerações finais

A arte pode estar mais perto da vida que a ciência, mas não é a própria vida. Isto significa dizer que nem o feitor nem os seus feitos podem ser isolados das circunstâncias da vida. Nas circunstâncias de formação do casario do Centro Histórico de São Francisco do Sul, em meio às questões sociais e econômicas, em determinado momento parece que as ‘respostas’ traduzidas em edificações, passaram a considerar, ‘vou construir uma casa em resposta a outras casas construídas neste entorno’; ou um adorno, ou um móvel ou um detalhe da edificação como resposta a outrem.

Por outro lado, para fins de residência e/ou comércio e sua respectiva mobília, na perspectiva dos proprietários que contrataram a obra, as ‘respostas’ parecem levar em conta o status (ou a ausência deste) de outros moradores conferido pelo estilo arquitetônico de suas residências, da mesma forma: rejeitando-o, confirmando-o, completando-o... Eis a influência do destinatário, não apenas sobre a construção e o estilo do enunciado, mas nas características do objeto formado pelas mãos do artífice. Nesta formação, em uma, por assim dizer, simbiose de perspectivas, aqui tanto dos fatores como dos contratantes do serviço, cada residência, *in situ*, carece (e muito) de informações, demanda outros sentidos além da objetificação.

A configuração da edificação, sua localização, o tamanho de suas portas, os detalhes das janelas, o balcão, a qualidade do piso, dentre outras características, são resultantes de variadas ‘respostas’ a outras edificações, melhor dizendo, a outros sujeitos, inclusive aos não mais presentes fisicamente. Um marceneiro, em resposta, pode empregar uma técnica em uma veneziana em homenagem a um antigo mestre, ou na intenção de superá-lo, por exemplo.

É um pressuposto epistemológico das coleções e dos museus que o ato de olhar (objetos expostos) equivale a conhecer algo que está além dos próprios objetos e que estes de algum modo evocam. Este processo não é absolutamente natural. O objeto per se não tem este poder. Mas é um mediador na relação com o outro.

Se um púlpito de uma antiga igreja é emblemático em função das personalidades, das pregações e das ocasiões memoráveis, o que, por quem e com que ênfase, é dito sobre o feitor do púlpito? Se um casarão destaca-se por ser moradia de uma personalidade ou de uma família reconhecida pelos feitos, o que, por quem e com que ênfase, é dito sobre os construtores da casa, o estuador, o ferreiro/forjador ou ainda o marceneiro atento aos detalhes daquilo que hoje se admira?

Há muitos discursos sobre patrimônio. Mas há um discurso dominante. Para além do que a sobreposição de camadas apagou ou, como visto, camuflou ou melhor dizendo, maquilhou, há o aniquilamento e a substituição, mas há também o ressuscitar no enlace entre sujeitos mediados pelas edificações enquanto enunciados. Por ausência de registros, informações sobre os sujeitos dos feitos se arrefecem. Localiza-se em obras específicas algumas técnicas construtivas, todavia, sobre os sujeitos que as desenvolveram e as aplicaram pouco se sabe.

O que pretende-se externalizar, é o movimento de envolvimento de sujeitos de diferentes segmentos da sociedade transbordando e, por vezes, marcando a pátina. Tal abordagem remete a existências e ausências de enunciações de um passado, mas também a enunciações por vir, em uma noção de acabamento provisório. Aguardando, às vezes por séculos, outras perspectivas, novas aproximações.

Referências

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e política de valor. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ARAUJO, Marcelo Mattos. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: agente da utopia. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 103-144.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BUGAY, Eliane Regina; SILVA, Andréa de Souza Marques. *Revitalização do Sítio Histórico de São Francisco do Sul*. 1985. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Tecnológico. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, 1985.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. O registro dos mestres artífices: preservação do saber-fazer da construção tradicional. In: CAMPELO, Douglas Ferreira Gadelha; ARAÚJO, Guilherme Maciel; FÍGOLI, Leonardo Hipólito Genaro; ALONSO, Paulo Henrique. *Mestres artífices de Minas Gerais*. Cadernos de memória. Brasília-DF: IPHAN, 2012.

Comercio de Joinville, Joinville, 1905. Sobre São Francisco, v.9. In: Arquivo Público Municipal de Joinville. Acesso em 18 abr. 2023.

DEUD FILHO, Massad. Entrevista concedida ao pesquisador. São Francisco do Sul, dez. 2023.

FERNANDES, Pedro. 2003. [Entrevista concedida a] Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes e Eleide Abril Gordon Finlay. Coleção representações sociais sobre o patrimônio histórico e pré-colonial dos municípios circunvizinhos à Baía da Babitonga: Joinville, Araquari, São Francisco do Sul, Balneário Barra do Sul, Itapoá e Garuva. Acervo do Laboratório de História Oral da Univille, 2023.

FÍGOLI, Leonardo Hipólito Genaro; CAMPELO, Douglas Ferreira Gadelha; Ofícios: permanência e transformações. In: CAMPELO, Douglas Ferreira Gadelha; ARAÚJO, Guilherme Maciel; FÍGOLI, Leonardo Hipólito Genaro; ALONSO, Paulo Henrique. *Mestres artífices de Minas Gerais*. Cadernos de memória. Brasília-DF: IPHAN, 2012.

FLORENTINO, Erico. Entrevista concedida ao pesquisador. São Francisco do Sul, mar. 2023.

GÖRRESEN, Hilton. Entrevista concedida ao pesquisador. Joinville, nov. 2023.

ENTREVISTADO. Entrevista concedida ao pesquisador. Joinville, nov. 2023.

Entre a praça, o casario e a baía:
camadas de construções e sentidos

IPHAN. Processo de tombamento n.º 1163-T-85. Centro Histórico e Paisagístico da Cidade de São Francisco do Sul. Arquivo Central do IPHAN. Rio de Janeiro, 1987.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

MARTINS, Marina Cañas. *Paisagem em circulação: o imaginário e o patrimônio paisagístico de São Francisco do Sul em cartões postais (1900-1930)*. 2008. Dissertação (mestrado). Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Faculdade de Arquitetura. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16653/000700029.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MENDES, Mariuze Dunajski. Cultura material e design: trajetórias sociais de artefatos em contextos materiais e culturais de produção, circulação e consumo. In: QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. *Design e cultura material*. Curitiba: EdUTF-PR, 2012.

NASCIMENTO, Aldair. 2011. [Entrevista concedida a] Fernanda Borba. Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul. Acervo do Laboratório de História Oral da Univille, 2023.

OLIVEIRA, Andrea. Entrevista concedida ao pesquisador. São Francisco do Sul, mai. 2023.

OZÓRIO, Luiz. Entrevista concedida ao pesquisador. São Francisco do Sul, nov. 2023.

PEREIRA, C. Amélia Costa. 2003. [Entrevista concedida a] Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes e Eleide Abril Gordon Finlay. Coleção representações sociais sobre o patrimônio histórico e pré-colonial dos municípios circunvizinhos à Baía da Babitonga: Joinville, Araquari, São Francisco do Sul, Balneário Barra do Sul, Itapoá e Garuva. Acervo do Laboratório de História Oral da Univille, 2023.

PINHEIRO, Soraia das Neves. 2012. [Entrevista concedida a] Fernanda Borba. Arqueologia da escravidão numa vila litorânea: vestígios negros em fazendas oitocentistas de São Francisco do Sul. 2011. Acervo do Laboratório de História Oral da Univille, 2023.

ROSA, Márcio. Entrevista concedida ao pesquisador. São Francisco do Sul, set. 2023.

SANTOS, Rosa Gomes dos. 2006. [Entrevista concedida a] Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes. Coleção representações sociais sobre o patrimônio histórico e pré-colonial dos municípios circunvizinhos à Baía da Babitonga: Joinville, Araquari, São Francisco do Sul, Balneário Barra do Sul, Itapoá e Garuva. Acervo do Laboratório de História Oral da Univille, 2023.

Susana Nunes Taule Pinol
Elizabete de Castro Mendonça

TIAGO, Armando S. *São Francisco: notícia estatístico-descritiva*. 2. ed., n. 19. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1941.

WEISSHEIMER, Maria Regina (Org.). *Conservação preventiva de imóveis antigos em núcleos históricos*. Florianópolis: IPHAN, 2020.

ZATTAR, Fábio. Entrevista concedida ao pesquisador. São Francisco do Sul, set. 2023.

Recebido em fevereiro de 2024.
Aprovado em outubro de 2024.